

	<i>Págs.</i>
26 — Carta estimulante	90
27 — A caridade maior	93
28 — Kardec e Napoleão	95
29 — Bichinhos	101
30 — O servo insaciável	104
31 — O grupo reajustado	107
32 — No reino doméstico	111
33 — Anotação simples	114
34 — O grande ceifador	117
35 — Carta de um morto	121
36 — No aprendizado comum	125
37 — Mensagem breve	128
38 — Explicando	131
39 — Versão moderna	134
40 — Oração diante do tempo	137

Dedicatória

Num belo apólogo, conta Rabindranath Tagore que um lavrador, a caminho de casa, com a colheita do dia, notou que, em sentido contrário, vinha suntuosa carruagem, revestida de estrelas. Contemplando-a, fascinado, viu-a estacar, junto dele, e, semistarrecido, reconheceu a presença do Senhor do Mundo, que saiu dela e estendeu-lhe a mão a pedir-lhe esmolas...

— O quê? — refletiu, espantado — o Senhor da Vida a rogar-me auxílio, a mim, que nunca passei de mísero escravo, na aspereza do solo?

Conquanto excitado e mudo, mergulhou a mão no alforje de trigo que trazia e entregou ao Divino Pedinte apenas um grão da preciosa carga.

O Senhor agradeceu e partiu.

Quando, porém, o pobre homem do campo tornou a si do próprio assombro, observou que doce claridade vinha do alforje poeirento... O grânulo de trigo, do qual fizera sua dádiva, tornara à sacola, transformado em pepita de ouro luminescente...

Deshumbrado, gritou:

— Louco que fui!... Porque não dei tudo o que tenho ao Soberano da Vida?

Na atualidade da Terra, quando o materialismo compromete edificações veneráveis da fé, no caminho dos

homens, sabemos que o Cristo pede cooperação para a sementeira do Evangelho Redivivo que a Doutrina Espírita veicula. E, entregando este livro humilde à circulação das ideias renovadoras — trabalho despretensioso que não chega a valer um grão de trigo da verdade —, imagino nestas cartas e crônicas, que passo às mãos do leitor amigo, um punhado de acendalhas para o lume da Nova Revelação, e repito, reverente, ante a bondade do Eterno Amigo:

— Ah! Senhor!... Compreendo a significação de teus apelos e a grandeza de tua munificência, mas perdoa ao pequenino servo que sou, se nada mais tenho de mim para te dar!...

IRMAO X

Uberaba, 18 de Abril de 1966

23-7-2007

1

Lição nas trevas

No vale das trevas, delirava a legião de Espíritos infelizes.

Rixas, obscenidades, doestos, baldões.

Planejavam-se assaltos, maquinavam-se crimes.

O Espírito Benfeitor penetrou a caverna, apaziguando e abençoando...

Aqui, abraçava um desventurado, apartando-o da malta, de modo a entregá-lo, mais tarde, a equipes socorristas; mais adiante, aliviava com suave magnetismo a cabeça atormentada de entidades em desvario...

O serviço assistencial seguia difícil, quando enfurecido mandante da crueldade, ao descobri-lo, se aquietou em súbita acalmia e, impondo respeitosa serenidade à chusma de loucos, declinou-lhe a nobre condição. Que os companheiros rebelados se acomodassem, deixando livre passagem àquele que reconhecia por missionário do bem.

— Conheces-me? — interrogou o recém-chegado, entre espantado e agradecido.

— Sim — disse o rude empreiteiro da sombra —, eu era um doente na Terra e curaste meu corpo que a moléstia desfigurava. Lembro-me perfeitamente de teu cuidado ao lavar-me as feridas...

Os circunstantes entraram na conversação de improviso e um deles, de dura carranca, apontou o visitador e clamou para o amigo: